



Repetição e Diferença na Construção do Acontecimento nos Telejornais¹

Jocélia da Silva BORTOLI²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Unisinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

O trabalho aborda a compreensão das relações técnico-discursivas do acontecimento nos telejornais. Em estudo empírico, observamos as incidências da repetição e da diferença no discurso dos telejornais de cinco emissoras do canal aberto de televisão sobre o “Caso Isabella”. Para este trabalho, traçamos um quadro geral das operações técnicas nos telejornais, porém, analisamos com mais precisão apenas o Jornal Nacional. A metodologia consistiu em pesquisa teórica acerca da repetição ou redundância e da diferença e análise técnico-discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: acontecimento; telejornalismo; repetição; diferença; Jornal Nacional.

1. Introdução

O trabalho se desenvolveu com a imersão nos materiais empíricos eleitos para investigação e nos contextos teóricos. A pesquisa envolve gravações do Jornal Nacional (JN), Jornal da Globo (JG), Jornal da Record (JR), Jornal da Band (JB), RedeTV News! (RTVN) e Jornal do SBT (JSBT) do dia 18 de abril de 2008 sobre o “Caso Isabella”³. No entanto, neste trabalho analisamos somente o Jornal Nacional. A problematização está construída a partir das relações entre as perguntas e as proposições interpretativas preliminares em torno do objeto empírico.

Inicialmente, nos perguntamos em quê medida os telejornais acionavam

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Ciências da Comunicação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, especialista em Comunicação Integrada de Marketing pela Faculdade de Pato Branco e Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo.

³ Desde a morte de Isabella de Oliveira Nardoni, em 29 de março de 2008, até a prisão preventiva do casal – Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá - em 8 de maio do mesmo ano, o caso esteve presente na mídia por aproximadamente 60 dias. Diante de um período vasto de coleta de materiais, o corpus definido desta pesquisa engloba gravações do “Caso Isabella” dos telejornais do dia 18 de abril de 2008. Analisamos os programas desse dia porque a menina completaria seis anos, o que produziu uma cobertura simultânea nos telejornais analisados. Em 2010, o caso retornou como pauta durante uma semana, em março, por causa do julgamento e condenação do pai, Alexandre Nardoni, e da madrasta, Anna Carolina Jatobá pela morte de Isabella.



protocolos e regras do fazer jornalístico. Essa pergunta preliminar orientou o contato com os materiais empíricos e teóricos. No contato com os materiais e os contextos teóricos, nos dirigimos para uma postura crítica do fazer jornalístico nos telejornais.

Ao considerarmos os observáveis e os contextos teóricos, adotamos o caminho de entender a problemática da repetição ou redundância e a diferença no telejornalismo. Ou seja, nos deslocamos do tema geral relacionado às regras do fazer jornalístico para o tema específico da repetição ou redundância e a diferença nos telejornais, na medida em que os materiais nos convidaram para essa hipótese - de que o fazer jornalístico opera com a repetição ou redundância e a diferença e os contextos teóricos mobilizados também indicavam essa possibilidade.

Posteriormente, passamos a nos perguntar: a) em quê medida os fenômenos de linguagem – repetição ou redundância e diferença – são reproduzidos e transformados nos processos de construção do acontecimento⁴ midiático? b) como as operações técnico-discursivas de repetição ou redundância e da diferença incidem sobre a construção do acontecimento? c) o quê há de singular nas operações técnico-discursivas nos telejornais, considerando o invariante referencial “Caso Isabella”?

A partir desses questionamentos passamos a lançar as seguintes hipóteses: a) partimos da percepção de que pode ter sido estabelecido um modelo repetitivo ou redundante nos telejornais ao construir o acontecimento, eliminando uma possível diferença na construção do acontecimento midiático, quando observamos as incidências das operações técnicas no discurso telejornalístico; b) as operações técnico-discursivas do telejornalismo, ao comprometer o discurso da diferença, rompem com a objetividade jornalística; c) a homogeneidade das operações técnico-discursivas indica um tipo de institucionalização da linguagem, resultante da circulação do acontecimento midiático.

Os nossos objetivos são: a) fazer a investigação teórica da redundância ou repetição e da diferença na perspectiva da linguagem; b) relacionar processualidades da linguagem a processos midiáticos; c) analisar telejornais na perspectiva do tema redundância ou repetição e diferença; d) inferir formas singulares de redundância ou repetição e diferença vinculada ao telejornalismo; e) desvendar as operações técnicas

⁴ O referencial teórico de acontecimento não foi abordado neste artigo, mas nossa pesquisa tem como base as concepções de Adriano Duarte Rodrigues (1999); Isabel Babo-Lança (2008); José Manuel Santos (2005); José Rabelo (2005); Louis Quéré (2005); Nelson Traquina (1993) e Patrick Charaudeau (2005). Esse contexto teórico consta em “Estudo empírico e construção metodológica para desvendar o Caso Isabella nos Telejornais”, disponível <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1823-1.pdf>



dos telejornais na construção do acontecimento com a elaboração de um micro-perfil de cada programa, revelando não apenas a linguagem, mas também as operações técnicas dos telejornais, sobretudo, no que se refere ao uso de imagens.

Para que pudéssemos fazer a análise dos materiais, dividimos o acontecimento em fases – da primeira a terceira – nos telejornais. A adoção desse critério surgiu durante a exploração dos materiais enquanto desenvolvíamos estudo empírico. Conforme quadro⁵, é possível constatar as operações técnicas em telejornalismo com base nas definições de Pedro Maciel (1995):

	JG↓	JB↓	JR↓	JN↓	RTVN↓	JSBT↓	
PRIMEIRA FASE	M ⁶	M	M ⁷	M	M	M	
DESCONTINUIDADE							
SEGUNDA FASE	C1C2/R1 CH/ S1 ⁸ C/R2 CH ⁹ /S1	C/R1 R2 CH/S1	C1C2/ R1 C1C2/R2 C1C2/R3 CH/S1	CH/S1 C/R1 C/R2	C/R1 CH/S1 C/R2 C/R3 C/R4 C/R5 C/R6	CH1CH2/S1 R1 S2 C1C2/R2 C1C2/R3 CH/S3	C O N D I D E U I
DESCONTINUIDADE							
TERCEIRA FASE	CH/S2	CH/S2 C/R3	C1C2/R4	C/R3 C/R4 CH/S2	C/R7 C/R8 CH/S2	CH/S4 ¹⁰	C O I N D I D E U
DESCONTINUIDADE							

Essa divisão possibilitou a constatação da forma com que os procedimentos do fazer telejornalismo são conectados ou interrompidos na exibição do acontecimento pelos telejornais.

2. Compreendendo redundância

Vera Íris Paternostro (1999) ao abordar o texto na tevê observa que a repetição de palavras, idéias ou nomes é importante nesse texto para acentuar a retenção e dar

⁵ Legendas: M= Manchete; CH = Chamada; C = Cabeça; S=Stand up; R = Reportagem.

⁶ William Waack começou o JG com informação sobre o indiciamento do casal, seguido de comentário a respeito da comoção em torno caso que, segundo ele, foi por causa do horror da vítima ser de quem deveria protegê-la. Depois, foi dada a manchete com foco nos laudos periciais.

⁷ O assunto foi manchete no JR, porém, devido à gravação ter sido feita com um único aparelho receptor, não foi possível gravá-la.

⁸ O JG iniciou a segunda fase com chamada da repórter para o primeiro stand up. Por causa de problemas técnicos, não foi possível a realização do mesmo. Na sequência do telejornal foi dada a segunda reportagem. Após finalização da reportagem, aconteceu o stand up.

⁹ A chamada do stand up não foi gravada pelo motivo já citado – gravação com único aparelho receptor.

¹⁰ O último stand up do JSBT não foi gravado porque a gravação foi com um único aparelho receptor.



clareza à notícia, principalmente porque o telespectador não tem a oportunidade de recorrer novamente ao texto e pode ficar com dúvida quanto à informação. No entanto, ressalta que “a repetição deve ter medida certa, para que não sobre nem falte [...]”, (PATERNOSTRO, 1999, p. 113-114). A redundância ainda é apontada por Paternostro sob outra ótica que é do texto do repórter descrevendo exatamente o que é visto na imagem.

Outra definição de redundância que nos fundamenta teoricamente para desenvolvimento do trabalho refere-se à compreensão de Mayra Gomes (2004). Ao tentar examinar o caminho da repetição, no campo do jornalismo, ela busca elementos que solidificam a estratificação através: a) do isolamento da recorrência dos temas ou da recorrência de pressupostos deslizando sob as temáticas; b) das organizações textuais e diagramáticas; d) da constância de atores e modelos. Sobre a relação redundância e comunicação ela defende que: “[...] O efeito da repulsa à redundância, por qualificá-la negativamente no campo da esterilidade e da pobreza, é ignorá-la enquanto condição da comunicação [...]”, (GOMES, 2004, p.25-26).

Gomes busca em Deleuze e Guattari a forma de processamento da repetição. “A redundância tem duas formas *freqüência e ressonância*, a primeira concernente à significância da informação, a segunda (EU=EU) concernente à subjetividade da comunicação”, (DELEUZE e GUATTARI, 1995b, p.17 *apud* GOMES, 2004). Para a autora, há uma inscrição do repetido num espaço discursivo. Em termos midiáticos, há um espaço de possíveis na esfera da discursividade que atravessa produção e recepção. A pesquisadora reitera que:

Queremos com isso mostrar que a redundância, *qua* freqüência, funciona positivamente na concretização de um aplainamento das diferenças ao manter esse movimento pelo qual se pensa que uma coisa, um fato ou um objeto, é sempre recuperável em seu modo específico. Funciona como um apagador da diferença, um elemento tranquilizador porque torna administrável um campo, como no caso da palavra *stress*. (GOMES, 2004, p. 29)

Para Gomes, a lógica da repetição trabalha para o diferimento e opera constantemente o nivelamento da diferença¹¹. Segundo a autora, o papel dos programas de televisão com essa prática é o de estabelecer a coesão pela constância, mantendo inalterada a estrutura com notícias de exceção ou quando interrompidos pela

¹¹ Ibidem, p.57.



propaganda eleitoral, por eventos de última hora, por comunicados governamentais ou discursos/declarações presidenciais (GOMES, 2004, p.69).

Segundo a autora, a permissão do vai e vem da redundância e a sua inscrição abrangendo passado e futuro, se dá com a homogeneidade construída pelo quadro¹². A pesquisadora vê repetição como distensão e apropria-se de Deleuze para dar conta de explicar o jogo dos quadros que se atritam, se montam e se desmontam, no jogo do jornalismo por excelência. “[...] Existe uma repetição como potência do conceito: é o ajuste de uma região a outra. E esse ajuste é uma operação indispensável, perpétua, o mundo como colcha de retalhos”, (DELEUZE, 1998, p.184 *apud* GOMES, 2004, p. 135).

3. Da redundância à diferença

Janice Caiafa discute redundância, recuperando questões como código e signo. No esquema informativo, a comunicação se realiza se uma mensagem produzida de código comum que reúne emissor e receptor percorrer uma linha reta do primeiro ao segundo. Para a autora, as interferências, chamadas ruído, são destrutivas, elas interrompem o circuito da comunicação, sendo necessário que o pólo receptor reconheça aquele recorte do código comum para que se cumpra esse circuito.

Caiafa enfatiza que é pela identificação de marcas conhecidas que a comunicação pode se dar. O percurso da mensagem deve ser desimpedido de interferências, deve ser o mais limpo possível. “Ou só admitir impurezas previstas e organizadas: a redundância – para que essas marcas sejam reconhecidas. A redundância é uma repetição controlada que evita o excesso de novidade na informação e permite o reconhecimento da mensagem”, (CAIAFA, 2004, p.2).

A linguagem tende à língua, ao código pré-determinado, pré-estabelecido, e que organiza os atos de comunicação (CAIAFA, 1999). Deleuze e Guattari falam da necessidade de uma “pragmática imanente” para entender as questões da linguagem (DELEUZE e GUATTARI, 1980, p. 105-106 *apud* CAIAFA, 2004), uma perspectiva que lance, desde o início, a linguagem no mundo, estabeleça ou restabeleça esse vínculo problemático entre as palavras e as coisas, fugindo à primazia do código e à autonominação dos fatos de linguagem. A partir de terminologia foucaultiana, Deleuze

¹² Ibidem, p.130.



procura definir o vínculo complexo que une enunciados e visibilidades (DELEUZE, 1991 *apud* CAIAFA, 2004).

Caiafa reforça que informação é sempre novidade, embora novidade autorizada pelas marcas do código comum, e redundância vem pôr um limite aos excessos do novo para que o circuito se cumpra¹³. Na releitura de Caiafa sobre Deleuze e Guattari (1980), a linguagem, imbricada nas relações de poder, funciona, antes de tudo, como reverberador de conteúdos dominantes. Conforme esses autores: “Fala-se tendencialmente o mesmo; repetem-se esses conteúdos. E, ao contrário, a informação é mínima o suficiente para fazer passar a redundância”, (DELEUZE; GUATARI *apud* CAIAFA, 2004). Assim, todo enunciado carrega e efetua pressupostos implícitos de uma ordem política numa dada sociedade. Entre esses pressupostos e os enunciados que os efetua, escrevem Deleuze e Guattari, há um laço de “obrigação social”.

A dimensão da palavra de ordem é justamente a relação entre pressupostos e enunciados, ou seja, remete a esse laço. Os autores afirmam, então, que a linguagem não é, antes de tudo, informativa, mas transmissão de palavras de ordem. É por uma reviravolta, portanto, que Deleuze e Guattari vão fazer coro às análises que se ocupam do aspecto do reconhecimento nos processos comunicativos. Esse aspecto é, ao mesmo tempo que analisado, denunciado, juntamente com algumas abordagens que se ocupam deles. É por uma artimanha política que a linguagem é repetição (CAIAFA, 2004, p.4).

Caiafa destaca que é uma dimensão interessante da linguagem e da comunicação – conferir certa realidade a mundos possíveis. A linguagem dá realidade ao estranho, a comunicação reúne para distrair os conversadores de si mesmos, para trazê-los mais perto de estranhos mundos¹⁴. Conforme a autora, a comunicação se dá por uma “operação de diferença”, efetuada pela concreção de um possível que me é estranho, por uma dimensão em que não me reconheço, mas que, ao contrário, me tira um pouco de mim. Embora as situações de comunicação sejam diversas, e haja muitas formas de pacificar esse aspecto de estranhamento, ele é uma força ativa nos processos de comunicação. Nesse caso, a pesquisadora explica que é porque encontramos as mesmas marcas que conversamos, embora, evidentemente, partilhemos um código comum, não é o conhecido que tem força interpeladora, que atrai o interlocutor e possibilita a

¹³ Ibidem, p.4.

¹⁴ Idem, 2003.



comunicação. “É, sim, o que difere, o que varia – não absolutamente, mas no jogo das diferenças e repetições das linguagens e das experiências”, (CAIAFA, 2004, p.6).

4. Repetição e diferença em Derrida

Para finalizarmos as reflexões em torno da repetição ou redundância e da diferença, buscamos as compreensões de Jacques Derrida (1991) que desenvolveu seu estudo baseado na filosofia da linguagem. Para Derrida, tudo no traçado da diferença é estratégico e aventureiro. Por estratégico, ele compreende que nenhuma verdade transcendente e presente - fora do campo da escrita - comanda teologicamente a totalidade do campo. Já aventureiro é esclarecido pelo filósofo francês porque essa estratégia não é uma simples estratégia no sentido em que se diz que ela orienta a tática tendo como ponto inicial um desígnio final, um *telos* ou o tema de uma dominação, de um controle e de uma reapropriação última do movimento ou do campo.

Com relação à diferença, ele pontua que não se trata de palavra e nem conceito porque estrategicamente deve ser pensada e dominada pelos limites estruturais. Para Derrida, a estrutura precisa ser ameaçada “metodicamente” para melhor ser percebida. “[...] Na instância da ‘ameaça’ no momento em que a eminência do perigo fixa os nossos olhares na abóboda de uma instituição, na pedra em que resumem a sua possibilidade e a sua fragilidade”, (DERRIDA, 1995, p. 16).

Derrida percebe a diferença como temporalização ou como espaçamento, entrando na esfera da problemática do signo e da escrita:

[...] **O signo seria então a presença diferida.** Quer se trate do signo verbal ou escrito, do signo monetário, da delegação eleitoral e da representação política, a circulação dos signos difere o momento em que poderíamos encontrar a coisa mesma, apossarmo-nos dela, consumi-la ou dependê-la, tocá-la, vê-la, ter dela uma intuição presente. Aquilo que eu aqui descrevo para definir, na banalidade dos seus traços, a **significação como diferença da temporalização é a estrutura classicamente determinado do signo:** ela pressupõe que o signo, diferindo a presença, só é pensável *a partir* da presença em que ele diferi e *em vista* da presença inferida que tentamos reapropriarmos. Segundo esta semiologia clássica, a substituição da coisa mesma pelo signo é simultaneamente *secundária* e *provisória*: secundária em relação a uma presença original e perdida de que o signo derivaria; provisória perante esta presença original e ausente em vista da qual **o signo encontrar-se-ia num movimento de mediação.** (DERRIDA, 1991, p. 40-41, grifos nossos)



Derrida coloca-nos que a maioria das investigações semiológicas ou lingüísticas dominantes hoje no campo do pensamento, quer pelos resultados próprios, quer pela função de modelo regulador em que se vêem por todo o lado reconhecidas, remetem genealogicamente a Ferdinand Saussure. Segundo Derrida, é Saussure quem colocou que o “arbitrário do signo” e o caráter “diferencial” dele são princípios da semiologia geral, particularmente da lingüística. “[...] E os dois motivos – arbitrário e diferencial – são como se sabe, aos seus olhos, inseparáveis. Só pode haver arbitrário na medida em que o sistema de signos é constituído por diferenças, não por termos plenos [...]”, (DERRIDA, 1991, p. 41-42).

Derrida acredita que o signo é um dado do sistema que se impõe pela estrutura lingüística (DERRIDA, 1991). O autor explica que o princípio da diferença proposto por Ferdinand Saussure como condição da significação afeta a “totalidade do signo” e, simultaneamente, a face do significado e do significante. “A face do significado é o conceito, o sentido ideal; e o significante é aquilo que Saussure chama a ‘imagem’, ‘marca psíquica’ de um fenômeno material, físico, acústico, por exemplo [...]”, (DERRIDA, 1991, p.42).

Derrida observa que tudo o que foi dito precedentemente redundava em dizer que na linguagem não há senão diferenças sem termos positivos. Quer se tome em consideração o significado, quer o significante, a língua não comporta nem idéias nem sons que pré-existiriam ao sistema lingüístico, mas apenas diferenças conceituais ou diferenças fônicas resultantes desse sistema. O que num signo é idéia ou matéria fônica importa menos do que aquilo que há seu redor nos outros signos (DERRIDA, 1991, p.42).

Ao levar em conta o pensamento de Saussure, Derrida aponta que as diferenças são produzidas, ou melhor, são efeitos produzidos, designando por “diferença” o movimento pelo qual a língua, ou qualquer outro código, qualquer esquema de reenvios¹⁵ em geral se constitui “historicamente”, como tecido de diferenças. Para isso, Derrida acredita ser necessário mostrar por que razão os conceitos de produção, como os de constituição e de história, permanecem, deste ponto de vista, cúmplices daquilo que aqui está posto em questão.

¹⁵ Derrida explica que num código, um signo “reenvia” necessariamente para outro (s) de que é diferente.



4. Jornal Nacional

A manchete é o primeiro elemento a compor o micro-perfil do Jornal Nacional (JN)¹⁶ na primeira fase do telejornal. O acontecimento foi abordado no primeiro bloco e no bloco final do programa. Assim que foi encerrada a escalada composta pelo conjunto de manchetes e exibida à vinheta, William Bonner chamou a entrada ao vivo ou *stand up* da repórter Carla Modena, iniciando a segunda fase do acontecimento no programa. Depois, foram lidas pelos apresentadores as cabeças¹⁷ da primeira e da segunda reportagem. Na terceira fase, foram exibidas as cabeças da terceira e quarta reportagem. O encerramento aconteceu com o segundo *stand up* de Carla Modena. Ao total, o JN destinou em torno de 14m15s ao acontecimento.

O “Caso Isabella” foi manchete do JN em 18 de abril de 2008, configurando o que denominamos de primeira fase do acontecimento midiático. O tema também foi o assunto de abertura do telejornal no bloco inicial do programa, o que sinaliza, de acordo com nossa definição, a segunda fase do acontecimento com chamada ao vivo para o *stand up*:

William Bonner: decisão da polícia de São Paulo.

Imagem: fechada em Bonner.

Fátima Bernardes: indiciar o pai e a madrasta de Isabella pelo assassinato.

Imagem: fechada em Fátima.

Bonner: nossos repórteres mostram como o trabalho da polícia levou a este desfecho.

Imagem: fechada em Bonner.

Fátima: a operação montada para que os dois prestassem depoimento na delegacia.

Imagem: fechada em Fátima e de Alexandre Nardoni saindo da viatura da polícia na delegacia.

Bonner: e as homenagens à Isabella no dia em que teria completado seis anos.

Imagem: fechada em Bonner.

Fátima e Bonner: apresentam outras manchetes ...

Vinheta ...

Bonner – Cabeça: Boa noite! Esta sexta-feira foi decisiva para a conclusão do inquérito que investiga a morte de Isabella Nardoni. A polícia decidiu indiciar o pai e a madrasta pelo assassinato. O casal prestou novos depoimentos em uma delegacia de São Paulo. E é para

¹⁶ A primeira edição do Jornal Nacional entrou no ar no dia 1º de setembro de 1969, com apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira. Hoje, o telejornal é exibido de segunda-feira a sábado, das 8h15 às 8h55. A bancada do JN é dos apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner.

¹⁷ De acordo com Pedro Maciel (1995), a cabeça é lida pelo apresentador em quadro no estúdio de televisão. Essa operação técnica é semelhante ao *lead*.



lá que nos vamos ao vivo com a repórter Carla Modena. Boa noite, Carla!

Imagem: fechada em Bonner com tela dividida entre ele e a repórter.

Stand up1 – Carla Modena – São Paulo: Boa noite Bonner! Terminou há pouco o interrogatório de Alexandre Nardoni que durou oito horas. Ele foi indiciado por homicídio doloso, quando há a intenção de matar. E começou agora há pouco, o interrogatório de Anna Carolina Jatobá, a madrasta de Isabella. Não há previsão para o término. A expectativa é que entre pela madrugada, e a polícia já adiantou que ela também vai sair daqui já indiciada pela morte da Isabella. Bonner.

Imagens: repórter em frente à delegacia; cartaz de pessoa que estava no local com a frase: “Isabella, o Brasil clama por justiça”.

A informação do *stand up* não foi além do andamento do interrogatório e do indiciamento conforme já tinha sido dito na manchete. O conteúdo informado pela jornalista revela uma processualidade da linguagem associada a processos midiáticos, que em nossa pesquisa tem o telejornalismo como objeto. O movimento do telejornal ao iniciar a exibição do acontecimento focou-se na tentativa de trazer algo novo ao vivo, o que potencializou a linguagem repetitiva pelo texto apresentado nas inserções ao vivo da repórter e dos apresentadores. “Bonner: decisão da polícia de São Paulo. Fátima: indiciar o pai e a madrasta de Isabella pelo assassinato”.

Na seqüência, Bonner lê a cabeça repetindo: “Boa noite! Esta sexta-feira foi decisiva para a conclusão do inquérito que investiga a morte de Isabella Nardoni”. O apresentador retoma a manchete sobre indiciamento e chama a repórter. Carla Modena que reforça: “Terminou há pouco o interrogatório de Alexandre Nardoni que durou oito horas. Ele foi indiciado por homicídio doloso, quando há a intenção de matar. E começou agora a pouco, o interrogatório de Anna Carolina Jatobá, a madrasta de Isabella [...]”.

A repetição é uma forma de ligar o que vem antes – manchete - e depois - *stand up*, dizendo ao receptor: “estamos falando do mesmo tema”. Entretanto, observamos nos fragmentos repetição de determinados enunciados (operadores semânticos) dentro de uma diferente configuração discursiva. Ao serviço de quê está diferença? Observa-se um trabalho de localização do acontecimento no espaço e no tempo, precisando, ações e interações do acontecimento, *just in time*, relativamente ao momento de acionamento do dispositivo televisivo, em suas interações com os receptores.

Esse é o acontecimento midiático. Nesse momento, a repetição é um *link* que articula diferenças, que ao contrário do que propúnhamos inicialmente, não foram



apagadas. Ela é produzida no deslocamento da manchete para o *stand up*, mas, simultaneamente, viabilizada pelas tecnologias de comunicação *just in time*. Essa percepção nos permite pensar criticamente que estávamos naturalizando os processos que devem ser analisados.

Assim que Carla encerrou o *stand up*, Bonner apresentou a cabeça da primeira reportagem que abordou o tumulto e a falta de segurança para que o casal saísse de casa rumo à delegacia. A reportagem de José Roberto Burnier tratou desde a saída do casal até a chegada à delegacia com informações acerca das pessoas que permaneceram nesses locais aguardando o deslocamento do casal e toda a estrutura organizada pela polícia para que os dois se deslocassem com segurança.

As imagens da entrada ao vivo eram de policiais; jornalistas; curiosos; seguranças contratados pela família; motoqueiros de madrugada, passando pelo local; homens algemados pela polícia e revistados porque passaram pelo local fazendo barulho de madrugada e tentaram pichar o muro da casa dos pais de Nardoni; detenção de dois pichadores, que escreviam frases de justiça no muro; viatura da polícia saindo; rapaz completando a palavra justiça na parede assim que a polícia se afasta; parede com cartaz escrito: “Amor a Isabella. Queremos justiça”; faixa segurada por pessoas em cima de um muro; casa do pai de Alexandre; pessoas em frente da casa com cartazes; advogados chegando ao portão e pedras na garagem.

Nessa primeira reportagem constava que:

Off3: a delegada que cuida das investigações só conseguiu chegar com escolta. Por volta das onze horas, um grupo de policiais saiu da casa da família Nardoni. Logo atrás vieram Alexandre e Anna Carolina Jatobá. Eles desceram à escada, abraçados aos advogados. A madrasta de Isabella chorava. O casal teve que ser protegido com escudos a caminho do carro do Grupo de Operações Especiais. Pedras foram jogadas. Uma garrafa de plástico atingiu o veículo. Pessoas concentradas em frente à casa Nardoni protestavam. Escoltados por carros da polícia, o casal seguiu para a delegacia. Ao chegar, novo tumulto e correria. O primeiro a entrar foi Alexandre, cercado por policiais com coletes à prova de balas. Ele olhou para a multidão. Depois foi a vez de Anna Carolina Jatobá. No carro em que eles chegaram às marcas do protesto na hora em que saíram de casa. Um policial ficou ferido no rosto. O advogado Antônio Nardoni, pai de Alexandre, apareceu em seguida. Pessoas cantaram parabéns para Isabella que completaria hoje seis anos de idade. O nono distrito estava protegido por um número de policial civil e militar maior que o habitual. Só entrava na rua quem tinha autorização. Agentes de trânsito monitoravam os cruzamentos próximos. Os jornalistas foram mantidos no outro lado da rua. Se instalaram em pontos estratégicos



para acompanhar toda a movimentação. A entrada desta casa virou estúdio de uma emissora de rádio. Havia até banheiros químicos e uma tenda de plástico. Entre os curiosos, gente que percorreu longas distâncias.

Nas imagens do *off* tinha circulada a imagem do rosto de Anna Carolina Jatobá ao sair do carro e se dirigir à delegacia. Não constatamos a repetição ou redundância de informação e nem de imagem na primeira reportagem. O “havia até banheiros químicos e uma tenda de plástico” do *off* revela o entorno do acontecimento na sua construção.

A segunda reportagem já começa com as mesmas imagens aéreas dos policiais na delegacia escoltando o casal. O JN buscou a diferença na cobertura ao tentar explicar por meio de desenhos como estava acontecendo os depoimentos. Na passagem de César Galvão ele informou que Alexandre Nardoni respondeu a 50 questões. Uma foto do rosto dele foi mostrada no canto esquerdo do televisor com as principais perguntas realizadas pela polícia.

Após o término da reportagem, Bonner em nota simples disse: “ainda nesta edição você vai ver o que levou a polícia a decisão de indiciar Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá por assassinato, e as homenagens à Isabella, no dia em que ela completaria seis anos”. A continuidade do acontecimento que começou na segunda fase com é quebrada com outros acontecimentos.

A terceira reportagem do JN foi construída levando em conta as homenagens na escola que Isabella estudou, e a personalização¹⁸ da mãe, sem o registro de sua visita ao cemitério e a emoção com depoimento de outra criança dizendo “eu fiz um desenho bem bonito para ela”. A terceira fase contou com a mensagem na íntegra da mãe no *Orkut* e a missa realizada na noite anterior pelo Padre Marcelo Rossi com a participação do Bispo e da família de Isabella com ganchos trabalhados pela linguagem emocional textual e de imagens da mãe chorando, das fotografias dela e da filha numa tentativa de explicação de como as duas conviviam. O repórter César Menezes procurou explicar a origem da mensagem da mãe:

Off4: as homenagens começaram na noite de ontem. Isabella foi lembrada várias vezes numa missa. A mãe se emocionou. Na página de relacionamentos que tem na internet, Ana Carolina divulgou uma mensagem inspirada num poema inglês no começo do século passado, foi mais uma homenagem em memória da filha. “A morte não é tudo. Não é o final. Eu apenas passei para a sala seguinte. Nada aconteceu.

¹⁸ Um dos valores-notícia definidos por TRAQUINA (2005).

Tudo permanece exatamente como foi. Eu sou eu, você é você, e a antiga vida que vivemos tão maravilhosamente juntos permanece intocada, imutável. O que quer que tenhamos sido um para o outro, ainda somos. A vida continua a ter o significado que sempre teve. Existe uma continuidade absoluta e inquebrável. O que é esta morte senão um acidente desprezível. Por que ficarei esquecido se estiver fora do alcance da visão? Estou simplesmente a sua espera, como num intervalo, bem próximo, na outra esquina. Está tudo bem!”.

Imagens: Bispo; padre Marcelo Rossi; fechada no rosto da mãe chorando; fotografias de Ana Carolina com a filha sorrindo, do rosto de Isabella sorrindo, e de Isabella e a mãe fantasiadas de caipiras; fotografia de Isabella e imagem da página na internet com três imagens delas sobrepostas com poema escrito na tela.

De forma autorreferente¹⁹, Fátima apresentou a cabeça da quarta reportagem a respeito do caso, dizendo que as provas recolhidas pela perícia no prédio dos Nardoni foram fundamentais para o indiciamento do pai de Isabella por homicídio e complementou “os repórteres Maurício Ferraz e César Tralli conseguiram obter **detalhes exclusivos** (grifo nosso) dos laudos. As informações técnicas dos peritos levaram a polícia concluir que o casal está diretamente envolvido na morte da criança”.

Off! foi uma noite interminável no Instituto de Criminalística de São Paulo. Peritos passaram a madrugada visitando os laudos para orientar o interrogatório. Tudo cercado de sigilo para surpreender com provas técnicas a madrastra e o pai de Isabella durante os depoimentos à polícia. Uma pane nos computadores atrasou os trabalhos, mas de manhã, os peritos deram a missão por concluída. São três laudos: um sobre o corpo da menina, outro da Criminalística sobre a imagem apreendida no prédio da frente que mostra o carro dos Nardoni entrando na garagem. A cena é importante para se estabelecer quanto tempo se passou entre a chegada da família e a queda de Isabella, e o mais complexo, o laudo sobre o cenário do crime feito pelo Núcleo de Crimes contra a Pessoa. Algumas informações novas vindas da perícia, não foi encontrado sangue de Isabella na roupa da madrastra, nem na roupa do pai. Havia sangue da menina na sola do calçado de Anna Carolina. O rastro de sangue de Isabella ia da porta de entrada do apartamento até o quarto dos meninos de onde ela foi jogada pela janela.

Imagens: começam abertas no corredor do Instituto de Criminalística e fecha até uma porta interna do instituto; fachada do local; Alexandre e Anna chegando à delegacia; Alexandre através de uma janela, esperando Anna Carolina depor; fachada do Instituto de

¹⁹ Antônio Fausto Neto estuda a autorreferencialidade no jornalismo a partir da perspectiva da mídiatização. Para explicar tal conjuntura, ele aborda a passagem da “sociedade dos meios” para a “sociedade mídiatizada”. Segundo o pesquisador, na sociedade dos meios o jornalista estaria numa condição de “fala intermediária”, cabendo ao mesmo um “compromisso de objetividade”, tendo seu ato de fala apagado, ou pelo menos, mantendo suas marcas opacas. Já na sociedade mídiatizada tal opacidade daria lugar a um espaço que serve para explicitar sua atuação através de uma “postura enunciativa autorreferencial” (FAUSTO NETO, 2008).



Criminalística; desenho escrito “Laudo do IML”; carro de Alexandre na garagem em três ângulos – frente e duas laterais, escrito “Laudo sobre imagem do carro”; fotografia do quarto do irmão de Isabella, escrito “Laudo sobre o cenário do crime”; desenho camisa de Alexandre escrito “Não havia sangue de Isabella, nem na roupa da madrasta, nem na roupa do pai”; desenho de calçado de Anna Carolina, escrito “Havia sangue de Isabella na sola do calçado da madrasta”; recurso em movimento da porta de entrada até o quarto dos meninos em preto e branco com o sangue em vermelho.

O trecho do *off* “os peritos passaram a madrugada visitando os laudos para orientar o interrogatório”, demonstra que a construção do acontecimento também se deu pela madrugada. A exclusividade destacada pela apresentadora reforçou a idéia de auto-referenciar o JN, que está relacionado à credibilidade do telejornal. O encerramento da terceira fase se deu com Carla Modena com o segundo *stand up*, com a mesma informação do primeiro *stand up*, redundando que o depoimento de Anna Jatobá continuava e Alexandre esperava a mulher. Ao final do telejornal, os apresentadores não anunciaram a telenovela, mas convidaram para que apurações **exclusivas dos seus repórteres** (grifos nossos) fossem conferidas no Jornal da Globo.

5. Considerações finais

Num primeiro momento de análise tínhamos compreendido que a repetição ou a redundância era responsável pelo apagamento da diferença no sentido de novo e de inédito do acontecimento. Verdadeiramente, no que se refere à informação jornalística, essa diferença deixou a desejar, pois se esperava que toda vez que existia chamada para entrada ao vivo ou *stand up*, que o repórter tivesse algo realmente novo a dizer, e não, que continuava o depoimento. No Jornal Nacional, essa operação ocorreu duas vezes. Uma logo no início do telejornal, e a outra no final, como última informação antes da finalização do programa.

No entanto, ao revermos insistentemente as gravações e mais conscientes do que estávamos pesquisando a partir do referencial teórico, compreendemos que a repetição ou redundância estava a serviço da diferença. Para absorvermos essa abordagem é necessário relacioná-la especificamente às diferentes operações técnicas em telejornalismo acionadas na construção do acontecimento que, em 18 de abril de 2008, concentrou-se na saída do casal para depor e nas homenagens no dia que Isabella faria aniversário se não tivesse sido vítima fatal do pai e da madrasta.



No quadro geral na p.3 deste trabalho delineamos o acontecimento nos seis telejornais pesquisados. Nele, é possível constatarmos semelhanças e diferenças no acionamento de operações técnicas dos telejornais. A adoção do tema na manchete foi consensual, marcando a primeira fase do acontecimento. Posterior a ela, quebrava-se a continuidade ao assunto com outros acontecimentos.

Após a vinhetas dos telejornais existiam duas possibilidades *stand up* – Jornal Nacional e Jornal do SBT - ou reportagem, Jornal da Band, Jornal da Record, RedeTV News! e Jornal da Globo. Essa operação marcou o início da segunda fase do acontecimento nos telejornais. O Jornal Nacional fez uma espécie de balanceamento entre segunda e terceira fase com duas reportagens e um *stand up* em cada uma delas. Nos outros telejornais, o acontecimento foi construído com mais reportagens e entradas ao vivo na segunda fase, intensificando a continuidade.

De maneira consensual, o “Caso Isabella” foi manchete e assunto final dos telejornais na terceira e última fase. A predominância do acontecimento fez com que o Jornal Nacional destinasse cerca de 14m15s ao tema; Jornal da Globo, 7m88s; Jornal da Record, 10m55s; Jornal do SBT, 12m20s; RedeTV News!, 12m10s e Jornal da Band, 7m58s. O tempo é consideravelmente bastante em se tratando de informação jornalística para a televisão e intensifica a contradição com a objetividade jornalística, sobretudo, quando pensamos na repetição ou redundância e na diferença que compõem os critérios centrais desta análise.

REFERÊNCIAS

CAIAFA, J. **Comunicação da diferença**. In: Revista Fronteiras – estudos midiáticos VI (2): 47-56, julho/dezembro, Unisinos, 2004.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. Debates, nº 49. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva 1995.

_____. **Margens da filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa e Antonio Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991.

FAUSTO NETO, A. Notas sobre as estratégias de celebração e consagração do jornalismo. In: **Estudos em jornalismo e mídia**. Ano V, nº 1. Florianópolis: Insular, 2008.

GOMES, M. **Jornalismo e filosofia**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

MACIEL, P. **Jornalismo de televisão**. Porto Alegre: Sagra D.C. Luzatto, 1995.

PATERNOSTRO, V. Í. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.